



A EXPERIÊNCIA FLUTUANTE DE PAULINA CHIZIANE: EXÍLIOS INTERNOS E ESCRITAS DE SI EM *NIKETCHE*

THE FLOATING EXPERIENCE OF PAULINA CHIZIANE: INTERNAL EXILES AND SELF-WRITTEN IN *NIKETCHE*

Victor Azevedo¹

RESUMO: O foco do presente artigo incide sobre as representações de exílios internos das personagens de *Niketche, uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. A escritora moçambicana recorre às tradições para elaborar um romance que se apresenta como um relato, nas palavras de Russell G. Hamilton, da “narradora de *Niketche*, sendo ela quem ecoa a voz da autora implícita”. Ao criar a personagem da escritora/contadora de histórias, que se desdobra em vários papéis, Paulina Chiziane encontrou uma estratégia narrativa para se colocar em cena de maneira especular, já que se vê como uma outra que escreve, como um duplo de si. Nesse sentido, sobressai o reconhecimento de que o sujeito se constrói dentro de sistemas de significado e de representações culturais. E é no interior da experiência flutuante entre dois mundos (ficção/realidade, tradição/modernidade) que se abrem as possibilidades de construção de fronteiras de exílios internos.

PALAVRAS-CHAVE: Paulina Chiziane, *Niketche*, exílios internos, escritas de si

ABSTRACT: *The focus of this article covers on the representations of internal exile of characters in Niketche, uma história de poligamia, by Paulina Chiziane. The Mozambican writer appeals to tradition to produce a novel that presents itself, in the words of Russell G. Hamilton, as a story of the “narrator of Niketche, she being who echoes the voice of the implied author”. Creating the character of writer/storyteller, which unfolds in various roles, Paulina Chiziane finds a narrative strategy to put in way to speculate scene, because it is seen as another writing, like a double of herself. In this sense, stands the recognition that the subject is built within the meaning and cultural representations systems. And this inside of the floating experience between two worlds (fiction / reality, tradition / modernity) that opens the possibilities of construction of internal exile borders.*

KEYWORDS: Paulina Chiziane, *Niketche*, internal exile, self-written

1 Doutorando de Literaturas Africanas – UFRJ. azevedo.victor@gmail.com

Eu vou começar a minha estória. Agora, na superposição de meus rostos, em convergência de datas. Aqui, no cruzamento de meu corpo com o espaço de minhas imagens. Tenho o que dizer, pois vou dizer-me a mim mesma, como qualquer pessoa que se põe diante da memória ou dos espelhos. Não, não vou escrever minhas memórias, nem meu retrato, nem minha biografia. Sou uma personagem de ficção. Só existo na minha imaginação e na imaginação de quem me lê. (CUNHA, 2013, p. 31)

Ao sentir-se provocado por uma epígrafe de Gilles Deleuze que diz que “a única subjetividade é o tempo” (DELEUZE. apud MBEMBE, 2010, p. 1), o pesquisador camaronense Achille Mbembe, no ensaio intitulado “Formas africanas da escrita de si”, centrou sua análise no corpo para fins de cálculo do sujeito político a que, durante o transcorrer do século XIX, estiveram atrelados os africanos. Nesse texto, Mbembe entende os africanos como uma unidade, como uma categoria – apesar de sua reconhecida subjetividade múltipla –, a fim de tentar explicar a importância dada a teorias como a da degeneração física, moral e política dos negros. E uma das justificativas apontadas por ele seria a utilização de ideias canônicas na tentativa de desconstrução do discurso vigente.

Cindidos em si, os africanos foram transformados em objetos, em decorrência do movimento da colonialidade do princípio da posse, resultando na perda da familiaridade do eu consigo mesmo, a ponto de o sujeito, alienado de si, ser relegado a uma forma de identidade sem vida, ou seja, a uma condição primária do estado -objeto. Desse modo, não só o eu já não é reconhecido pelo outro, como também já não reconhece a si mesmo.

De acordo com as narrativas dominantes, o resultado da ação das ideias canônicas levaria o sujeito africano à desapropriação, processo em que os procedimentos jurídicos e econômicos conduzem à expropriação material. A isso, seguiu-se uma experiência singular de subjugação caracterizada pela falsificação da história pelo outro. A violência da falsificação e a expropriação material são consideradas os principais elementos da singularidade da história africana e da tragédia que lhe subjaz.

O que emerge desse texto é que Achille Mbembe, numa visão ampliada do que seriam as formas africanas de escrita de si, aponta para o caminho da história (no sentido de tempo) enquanto lugar das subjetividades.

Nesse sentido, os relatos das experiências inseridas num período compreendido como o pós-colonial, em que sujeitos, e não sociedades, resgatam e referem-se aos efeitos duradouros das experiências históricas, são narrativas, como lembra o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, de experiências do sofrimento humano que possuem uma dimensão individual irredutível (apud PAREDES, 2006, p.11). São sensações, vivências que tornam a existência dessas subjetividades atos singulares de exílio. Não o exílio como termo correlato de desterro, expulsão, degredo da pátria, mas como “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar”, nas palavras de Edward Said (2003, p. 46), em seu já clássico ensaio “Reflexões sobre o exílio”. Afinal, como continua o crítico palestino, “o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro” (SAID, 2003, p. 54).

De certa maneira, a palavra exílio ganha novos contornos quando lhe é atribuída uma forma, um mal-estar no mundo, uma desadaptação daqueles que compartilham experiências em um mundo fraturado e constituído de ruínas identitárias. À condição pós-colonial é atribuída um sentido metafórico aos “(in)xilados”, aqueles que estão exilados em si mesmos, que possuem o sentimento de deslocamento, como uma experiência em que a sensação desse deslocamento é quase universal, partilhada por todos que “não estão em casa”, como entende Stuart Hall (2011, p. 27).



Ao ressaltar, parenteticamente, o prefixo “in”, procura-se enfatizar, entre suas acepções, o movimento para dentro, projetando-se uma subjetividade para dentro de si mesma, como se lançasse a experiência exilar para dentro de uma forma literária. A ideia de “(in)xílio” origina-se da categoria “exílio interior”, expressão utilizada pelo escritor espanhol Claudio Guillén (2005, p. 10), que a entende como um exílio metafórico, permeado de um sentimento de não pertencimento à condição humana, muitas vezes explorada por artistas, em suas obras, de maneira ambígua ao apresentar o exilado em mais de um, ou em nenhum, lugar. Portanto, “os exilados, às vezes, compensam sua marginalização mergulhando num mundo restrito, próprio” (GUILLÉN, 2005, p. 128).

Por entender que, nos sentidos originários da necessidade das escritas de si, concebidas como uma possível hermenêutica do sujeito contemporâneo, buscam-se as possíveis formas de manifestação dessas experiências “(in)xilares”, cabe conduzir essa pequena investigação por caminhos por onde e para onde se dirige o próprio objeto de estudo, ao suscitar questionamentos e ao procurar desvelar os pontos de tensão que mais fortemente mobilizam uma produção escrita desse tipo de experiência.

Já com Michel Foucault (2006), em sua “arqueologia do saber”, ao recorrer à vida ascética, segundo a qual escrever era uma forma de disciplina através da qual seria plausível abster-se de pensamentos impuros – ponto fulcral das ações vergonhosas –, percebe-se que escrever era uma forma de tornar públicos os pensamentos.

Contemporaneamente, a pesquisadora Diana Klinger circunscreve a necessidade das escritas de si em um campo mais amplo, que “compreende não somente os discursos assinalados por Foucault, mas também outras formas modernas que compõem uma certa “constelação autobiográfica”: memórias, diários, autobiografias, e ficções sobre o eu” (KLINGER, 2013, p. 34). Dessa forma, tem-se uma visão do volume de textos denominados escritas de si e também do quanto escrever sobre si tornou-se uma prática comum entre os homens.

No auge do movimento estruturalista, havia a percepção de que não interessava à crítica a vida do autor, que existiria fora do texto. A questão da escrita de si autobiográfica, com a chamada “morte do autor”, seria, então, uma aporia. Dois artigos significativos dessa postura estiveram ligados com a produção crítica que se alinhou com a psicanálise lacaniana e com a filosofia de Jacques Derrida, que desconstruía a metafísica ocidental: “A morte do autor” (2004), de Roland Barthes, de 1968, e “O que é um autor?” (2009), de Michel Foucault, de 1969. Data do mesmo período o livro *O pacto autobiográfico* (2008), de Philippe Lejeune, que já havia publicado outros livros sobre a autobiografia desde o início dos anos 1970. Esse pacto seria o envolvimento pessoal do autobiógrafo, por meio de uma construção textual ou paratextual, que oferece ao leitor a possibilidade de admitir o texto como expressão da personalidade daquele que escreve. Essa percepção sobre a questão do sujeito continua central nos debates atuais sobre as escritas de si biográficas e autobiográficas. Apesar da preocupação de distinguir o sujeito empírico daquele que fala de si nos relatos autobiográficos, na perspectiva da narratologia, no senso comum ainda perdura uma certa confusão entre narrador e autor, sobretudo nas narrativas em primeira pessoa.

Paralelamente a essas discussões acerca do sujeito, a categoria de “autor implícito” refere-se ao que define o ensaísta francês Michel Butor, em artigo sobre o uso dos pronomes pessoais no romance. Ele afirma que:

O narrador [...] não é uma primeira pessoa pura. Nunca é o autor em termos literais [...]. Ele próprio é uma ficção, mas entre essa multidão de personagens fictícios, todos naturalmente na terceira pessoa, ele é o representante do autor, sua *persona* (BUTOR, 1974, p. 49 – grifo do Autor).

E é sob esse aspecto que o romance de Paulina Chiziane (2004), *Niketche*: uma história de poligamia, publicado em Portugal em 2002 e no Brasil em 2004, se mostra, nas palavras de Russell Hamilton, um relato da “narradora de *Niketche*, sendo ela quem ecoa a voz da autora implícita” (2007, p. 319).

Ao que sugere ter sido em sua própria defesa, a escritora moçambicana concedeu uma entrevista a uma revista literária *on line*, de Maputo, em 2002, em que afirma categoricamente que as mulheres retratadas no livro:

[...] são tão diferentes de mim e tão distantes, apesar de eu escrever na primeira pessoa. E eu gosto de escrever na primeira pessoa porque me permite participar mais na história. E nós como mulheres temos as coisas que falamos só entre nós mulheres e em voz baixa; meio sagrado... O que é que as mulheres dizem do seu marido quando estão entre elas? Então são estes pequenos nada que eu junto para fazer a teia desta história. (CHIZIANE, 2002).

Entretanto, o sujeito tem necessidade de dizer eu para sair da indistinção contemporânea. Ele precisa prover o eu de marcas distintas que possam confirmar sua existência, assinalar seu pensamento e reforçar sua singularidade.

As tradições, na escrita de Paulina Chiziane, surgem como instrumento para revolver profundamente os costumes modernos e revelar o sofrimento imposto às mulheres, para quem a sensação de exílio, de não estar em casa e de voltar-se para dentro de si, é uma maneira de criticar a posição desigual de gênero, cristalizada na cultura. Inscrita na fala da protagonista Rami e das mulheres no romance, a experiência “(in)xilar” se manifesta como um: “nada neste mundo é meu e nem eu mesma me pertence” (CHIZIANE, 2004, p. 225).

A escritora, em uma outra entrevista, agora concedida ao pesquisador Patrick Chabal, estabeleceu um contexto para as atitudes da autora implícita e da narradora do romance, no que tange à poligamia e a outras práticas tradicionais em relação à posição da mulher na sociedade. Disse, na ocasião, a escritora:

Por que hoje, de facto, é o que se diz: a poligamia mudou de vestido. Porque esses homens todos têm quatro, cinco, dez mulheres em qualquer canto por aí. Têm filhos com duas, três, quatro mulheres todas juntas. São filhos que, porque crescem numa sociedade de monogamia, não se podem reconhecer. São crianças fruto de uma situação como a que vivemos hoje, uma situação de adultério. Mas numa sociedade de poligamia já não acontece isso, as coisas são mais abertas. A situação de adultério que vivemos hoje é muito pior que a poligamia. (apud HAMILTON, 2007, p. 320).

Paulina Chiziane sempre coloca, em suas declarações, o sujeito narrado em *Niketche* (2004) como um sujeito fictício, justamente porque é narrado. Ou seja, é uma construção de linguagem. Dessa forma, não poderia haver adequação entre autor, narrador e personagem, entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação, entre o sujeito em princípio pleno (o escritor) e o sujeito, dividido, disperso, disseminado, da escrita. Desde sua estreia como escritora, em 1990, Chiziane vem afirmando também em entrevistas, como no trecho destacado a seguir, que não se considera uma romancista, e sim uma contadora de histórias.

O meu ponto de partida é a oralidade, e todos os meus trabalhos até hoje são baseados na tradição oral, daí que eu não gosto de dizer que fiz um romance, uma novela, ou seja, o que for. Eu conto uma história e, ao contá-la, acrescento um ponto. E ela pode ser grande ou pequena. (CHIZIANE, 2002).

Ora, a narrativa contemporânea esforça-se em embaralhar as marcas e os sinais, em refinar os efeitos de polifonia através de vários procedimentos de escrita, que vão do duplo à ventriloquia, passando pelo tratamento de diferentes vozes, “ao uso dos testemunhos e dos ‘relatos de vida’ na investigação social, e à narração autorreferente nas discussões teóricas e epistemológicas”, como entende o espaço biográfico a crítica literária Leonor Arfuch (2010, p. 51). O que permite ultrapassar o chamado “umbral da ‘autenticidade’”, com maior frequência na atualidade, como ainda afirma Arfuch:



é a consciência do caráter paradoxal da autobiografia, a admissão da divergência constitutiva entre vida e escrita, entre o eu e o “o outro”, a renúncia ao desdobramento canônico de acontecimentos, temporalidades e vivências, bem como a dessacralização da própria figura do autor. (ARFUCH, 2010, p. 137)

Tanto as vozes femininas quanto as masculinas do romance estão inseridas num contexto discursivo em que todas representam a autora implícita, como ressaltou Russell Hamilton. Graças à possibilidade de criar um duplo de si, Paulina Chiziane pôde expor-se, desvelando assuntos tabus como a poligamia; a excisão genital feminina (ainda que o romance se debruce sobre o alongamento genital); a prática da *kutchinga* (ou levirato, quando a viúva é obrigada a casar com o irmão mais velho de seu falecido marido); o pagamento de *lobolo* (ou dote); entre outras manifestações da tradição.

O espelho da casa da protagonista Rami representa o Outro. Paulina Chiziane relata como Rami se vê pela primeira vez, quando diz: “Meu Deus, o meu espelho foi invadido por uma intrusa, que se ri da minha desgraça. Será que essa intrusa está dentro de mim?” (2004, p. 15).

Como moçambicana do sul, Rami é uma mulher urbana, casada com Tony, com quem tem muitos filhos. Ela é profundamente afetada ao descobrir a relação polígama que o marido mantém com diversas mulheres de outras localidades. Diante das traições descobertas, Rami decide enfrentar a situação e procura conhecer cada uma das rivais. É a partir dessa experiência limítrofe que a personagem reconhece sua condição subjetiva de vivência de um exílio interno.

Considerando que o exílio, para Said, pode ser uma “tristeza essencial” que “jamais pode ser superada” (2003, p. 46), Rami reconhece esse sentimento em cada uma das mulheres, com as quais se une, e busca a tradição ancestral dos povos autóctones de Moçambique para ressignificar a infidelidade. Dessa forma, a protagonista expõe a falsa monogamia da moderna sociedade ocidentalizada e o sofrimento a que são impostas as mulheres pela tradição. É a sensação de “(in)xílio” que reforça o lamento da personagem:

Ó gente cega, gente surda, gente parva! Será que não tenho direito de ser ouvida pelo menos uma vez na vida? Estou cansada de ser mulher. De suportar cada capricho. Ser estrangeira na minha própria casa. Estou cansada de ser sombra. (CHIZIANE, 2004, p. 203)

Se como preconiza Hannah Arendt (2013), o sofrimento vivido na própria existência só se pode transformar em experiência se lhe for dada publicidade, a escrita de si e o testemunho assumem uma dimensão pública absolutamente necessária para reconstrução das relações sociais no mundo contemporâneo, sob forte ameaça de esquecimento do passado, de esgarçamento da tradição e de empobrecimento da experiência. A escrita de si, dessa forma, serve mais de bálsamo do que mero compartilhamento da experiência, como lembra a crítica literária Beatriz Sarlo.

O discurso da memória, transformado em testemunho, tem a ambição da autodefesa; quer persuadir o interlocutor presente e assegurar-se uma posição no futuro; justamente por isso também é atribuído a ele um efeito reparador da subjetividade. (2007, p. 51).

Ao mesmo tempo, impõe-se destacar que a escrita de *Niketche* (2004) acerca da sexualidade, em particular sobre a identidade e o corpo femininos, se propõe como releitura do papel atribuído socialmente à mulher, que é o de ser objeto do desejo e estar sempre ao lado do homem. O reconhecimento de que o sujeito se constrói dentro de sistemas de significado e de representações culturais, marcados por relações de poder, permite concluir que a escrita pós-colonial de Paulina Chiziane é balizada, por um lado, pela desconstrução das categorias tradicionais do indivíduo, com sua inserção em fronteiras identitárias flutuantes,

em especial as femininas; e, por outro, por proporcionar uma maior sensibilidade a fim de compreender os mecanismos diversificados que constituem os diferentes sujeitos no campo social moçambicano.

Nesse sentido, a pesquisadora Simone Pereira Schmidt ressalta que “tal como suas personagens, Paulina Chiziane também se encontra num lugar intermédio, numa espécie de posição identitária intervalar” (2010, p. 204). A escritora moçambicana situa-se numa experiência flutuante na fronteira entre duas culturas, como afirmou em uma entrevista a Michel Laban (1998, p. 975). E é no interior dessa experiência flutuante entre dois mundos (ficção/realidade, tradição/modernidade, (in)xílios/escritas de si) que se abrem as possibilidades de construção de fronteiras de exílios internos.

Ao criar a personagem da escritora/contadora de histórias, que se desdobra em vários papéis, Paulina Chiziane encontrou uma estratégia narrativa para se colocar em cena de maneira especular, já que se vê como uma outra que escreve, como um duplo de si. Se, como propõe Claudio Guillén, o exílio “passa a ser, mais do que uma classe de adversidade, uma forma de ver o mundo e a sua relação com a pessoa” (2005, p. 82), a experiência “(in)xilar” de Chiziane é uma recorrência em sua obra. Assim, a particularidade da imaginação autobiográfica reside em sua capacidade de desdobramento narcísico, o que permite ao sujeito inventar um duplo para si e tornar possível uma forma de autoficcionalização.

REFERÊNCIAS:

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. 7. ed. 1. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Debates, 64)

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EduERJ, 2010.

BARTHES, Roland. “A morte do autor”. In: _____. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.

BUTOR, Michel. *Repertório*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. “Ser escritora é uma ousadia”. Entrevista concedida a Rogério Manjate por telefone. Revista *Maderazinc*. Maputo, 10 de abril de 2002. Disponível em: <http://passagensliterarias.blogspot.com.br/2008/01/entrevista-paulina-chiziane.html> Acesso em: 25 jun. 2013.

CUNHA, Helena Parente. *Mulher no espelho*. 10. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

FOUCAULT, Michel. “O que é um autor?”. In: _____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Org. e sel. de textos Manoel Barros da Motta. Trad. Inês Autran Dourado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298. (Ditos e Escritos, III)

_____. “A escrita de si”. In: _____. *Ética, sexualidade, política*. Org. Manuel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro [et al.]. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 144-162. (Ditos e Escritos, V)

GUILLÉN, Claudio. *O sol dos desterrados: literatura e exílio*. Trad. Maria Fernanda Abreu. Lisboa: Teorema, 2005.

HALL, Stuart. “Pensando a diáspora; reflexões sobre a terra no exterior”. In: _____. *Da diáspora: identidades*



e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende [et al.]. 1. reimp. 1. ed. atual. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

HAMILTON, Russell. “*Niketche* – A dança de amor, erotismo e vida: uma recriação novelística de tradições e linguagem por Paulina Chiziane”. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura (Org.). *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Ed. Colibri, 2007. p. 317-330.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LABAN, Michel. *Moçambique: encontro com escritores*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1998. v. 3.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Org. de Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008. (Humanitas)

MBEMBE, Achille. “Formas africanas de escrita em si”. Trad. Marina Santos. *artafrika.info: Revista eletrônica do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*. Lisboa, 7 mar. 2010. Disponível em: <http://www.artafrika.info/html/artigo trimestre/artigo.php?id=21> Acesso em: 22 ago. 2013.

PAREDES, Margarida. *O Tibete de África*. Porto: Âmbar, 2006.

SAID, Edward W. “Reflexões sobre o exílio”. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SCHMIDT, Simone Pereira. “Exílio e experiência feminina”. In: SECCO, Carmen Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Orgs). *África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro; Luanda: EdUFRJ; UEA, 2010.

Texto recebido no dia 26 de junho de 2016 e aprovado dia 28 de junho de 2016.